

A série **Gente do MOC** é um espaço especial que conta as histórias de pessoas que dedicam sua vida ao MOC e à sua missão. Aqui, retratamos os caminhos daqueles que acreditam num semi-árido justo e solidário, caminhos que se assemelham com os grupos que acompanhamos. Nessa edição você conhece a história de Naidison de Quintella Baptista, que há 25 anos trabalha na entidade.

Um revolucionário por uma sociedade mais justa

A história de Naidison de Quintella Baptista tem início em uma fazenda no município de Esplanada, localizada a 171 Km de Salvador. Nascido na capital, o atual secretário executivo do MOC viveu até os 12 anos de idade na fazenda com os pais Ângelo Ferreira Baptista e Antônia de Quintella Baptista e com alguns de seus 11 irmãos. De família abastada, conta orgulhoso que os pais não tinham o primário completo, no entanto, eles sempre colocaram a educação dos filhos como prioridade. "Todos os filhos foram formados em cursos universitários e eles sempre acompanhavam como estava sendo o estudo".

A ética no comportamento e o bom trato com as pessoas. Essas são algumas questões que sempre foram pautadas e deixadas como patrimônio. "Muito do que eu sou em termos de princípios, de ética, comportamento, vem de dentro de casa", declara.

Em 1953, com 13 anos de idade, após um severo exame de admissão – teste que na época avaliava a capacidade do aluno sair da escola primária e entrar no ginásio – ingressou no Seminário Central da Bahia, onde fez o curso médio, Filosofia e Teologia. De Salvador foi para Roma, Itália e Alemanha, onde concluiu os estudos de Teologia, retornando ao Brasil em 1969.

Porta de entrada para o movimento social

Ainda no Seminário Central da Bahia, pertencia a um grupo de jovens que simpatizava com a Ação Católica. "Na década de 50, a Ação Católica era um movimento de jovens que trabalhavam a dimensão do evangelho no sentido de ver o

que o evangelho exigia da gente, em termos sociais e políticos na época", disse.

Naidison afirma que esse foi o primeiro passo para a descoberta do social e político na vida. "Nessa época conheci Albertino, futuro fundador do MOC, que era um dos muitos jovens simpaticizantes dos processos de reforma agrária, de reforma de base como se falava à época e a modificação da sociedade na linha de justiça", explica.

O estudo da teologia e a especialização no evangelho, fez o filósofo refletir e descobrir um Jesus Cristo comprometido com as causas sociais dos pobres na sua época. "Os princípios Dele nessa linha chamavam atenção para uma dimensão social e política", essa, segundo Naidison, é considerada a segunda porta de entrada para o movimento social.

Organização das Comunidades

Após os estudos na Europa, o jovem - comprometido em debater a agricultura familiar e principalmente a viabilidade da pequena propriedade - trabalhou na Arquidiocese de Salvador com grupos de jovens e com assessoria às comunidades. "Depois deste trabalho, me coloquei um pouco mais na universidade, trabalhei na Prefeitura de Camaçari na perspectiva também de organização de comunidades".

Quando chegou a Feira de Santana, conheceu o MOC através do Padre Albertino e afirma: "O MOC cria uma condição efetiva de você concretizar um conjunto de sonhos, desejos, perspectivas, que você avalia que são importantes fazer na vida".



Nome: Naidison de Quintella Baptista
Data de nascimento: 09 de maio de 1940
Estado Civil: Casado
Formação: Filosofia, Teologia e Educação
Ano de entrada no MOC: 1982

"Um mundo mais humano, mais decente. Um mundo melhor".

Decepções e esperanças. Com 67 anos de idade, Naidison Baptista revela que "provavelmente a revolução que a gente sonhava quando era jovem não aconteceu, nem vai acontecer, mais muito daquilo que a gente projetava está acontecendo". Embora exista as decepções, ele ressalta que isso não impede a luta para que o semi-árido e as pessoas que nele habitam, sejam respeitadas, tratadas como gente, conquistem políticas adequadas e possam se desenvolver na perspectiva de cidadania.

Ao contar um pouco da história do MOC, que em setembro comemora 40 anos, Naidison deixa transparecer que este é o ideal que o faz permanecer até hoje na instituição e também em outros espaços como a Articulação Semi-Árido Brasileiro (ASA), empenhando-se trabalhando nessa dimensão.

Expediente . Realização: Movimento de Organização Comunitária - MOC **Coordenação:** Programa de Comunicação do MOC: Carolina Seixas, Daiane Almeida, Klaus Minhuber, Lorena Amorim e Nayara Cunha. **Reportagem:** Daiane Almeida e Lorena Amorim **Fotos:** Niko Mylonas e Programa de Comunicação **Diagramação e Design:** Karime Salomão **Fale conosco:** MOC - Movimento de Organização Comunitária. Rua Pontal 61, Cruzeiro, Feira de Santana - Bahia. CEP 44.017-170. Tel. (75) 3221.1393 fax: (75) 3221.1604, e-mail: comunicam@moc.org.br. site: www.moc.org.br

Apoio



Bocapiu

Contando experiências por um sertão justo

Trocas solidárias resgatam o espírito comunitário

Agricultores e agricultoras dos territórios Sisal, Bacia do Jacuípe e Portal do Sertão, revivem uma antiga prática que sem utilizar a moeda real contribui com a produção e distribuição de riquezas voltada para a valorização do ser humano.



Economia em novos rumos

Idealizada por aqueles que viram o seu direito ao trabalho, a sua manutenção e da sua família roubados pelo capitalismo, a Economia Solidária prima pelo resgate da luta histórica contra a exploração do trabalho humano. Dessa forma representa uma alternativa ao modo capitalista de organizar as relações sociais dos seres humanos entre si e destes com a natureza.

Percebendo esta necessidade o MOC iniciou, especialmente em 2001, o fomento de grupos produtivos para geração de trabalho e renda nos territórios com os princípios da Economia Solidária, que são a valorização social do trabalho humano, a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica, o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade, a busca de uma relação de intercâmbio respeitoso com a natureza, e os valores da cooperação e da solidariedade.

Em 2007 foi notória a força dessa economia durante o Ciclo da Agricultura Familiar e Economia Solidária, realizado em Feira de Santana. Como parte integrante das atividades do Ciclo, aconteceu a I Feira de Mulheres Produtoras que envolveu 70 empreendimentos solidários dos Territórios do Sisal, Bacia do Jacuípe e Portal do Sertão, com suas entidades representativas Arco Sertão e Rede de Produtoras da Bahia.

No espaço da Feira teve a *Troca Solidária* com artesanatos, culinária regional, frutas, mel e outros. Essa prática existe desde o início da humanidade e representa a satisfação das pessoas, valorização do trabalho e da auto-estima. Com a troca, os produtos ou serviços são adquiridos sem fazer uso da moeda monetária, mas, utilizando a moeda social, que na Feira das Mulheres Produtoras teve o nome de "OXÉ".

Gisleide do Carmo Oliveira, técnica do sub-programa de agroindústria e comercialização.

Trocas Solidárias resgatam o espírito comunitário

"Antigamente meus pais tinham criação de carneiro, que viviam soltos pastando na própria caatinga, quando chegava o fim de semana era o momento de prender os animais para que fosse escolhido o melhor. Meu pai matava e repartia entre os vizinhos, na quantidade que sobrava colocávamos sal para comer durante toda a semana. No outro fim de semana era um dos vizinhos quem ficava responsável pela matança de um novo animal que também era partilhado entre todos. Com o passar do tempo foi chegando pessoas com muito dinheiro que iam fazendo grandes criatórios, cercados com arame farpado, nós já não tínhamos espaço para a pequena criação. As terras que eram comuns a todos, passaram a ter dono e nós começamos a passar dificuldades, porque eles criavam boi e entre nós quase ninguém tinha condições para isso, um ou outro que tivesse era considerado milionário. Passamos a sobreviver do plantio na roça, agora eram os produtos que o outro não tinha que trocávamos, mas com o tempo e a entrada do dinheiro isso foi se perdendo, ninguém se preocupava mais com quem nada tinha".

Essa foi a história da comunidade de São Lourenço conta-

da por Dona Gesselina Mota dos Reis, agricultora do município de Riachão do Jacuípe, na Bahia, que se emocionou ao reviver no momento das trocas solidárias, cenas de sua vida, marcada por experiências tão ricas da infância de muitos anos atrás, onde a

"Meu pai matava e repartia entre os vizinhos, na quantidade que sobrava colocávamos sal para comer durante toda a semana".

Gesselina Mota dos Reis.



convivência girava em torno da idéia de comunidade. A forma de organização social de agricultores, como Dona Gesselina, tinha como base principal a igualdade de oportunidades para todos e a partilha dos excedentes do trabalho produtivo, impedindo a concentração da propriedade nas mãos de pou-

cos e garantindo, assim, a coesão sócio-econômica da comunidade.

Experiências como esta serviu de inspiração para que a Rede de Produtoras da Bahia e a Agência Regional de Comercialização do Sertão da Bahia (ARCO-Sertão), em parceria com o Movimento de Organização Comunitária (MOC) levassem para o espaço da I Feira de Mulheres Produtoras, durante o Ciclo da Agricultura Familiar e Economia Solidária realizado em Feira de Santana, o momento de trocar saberes e produtos como artesanato de

sisal e em tecido, sequilhos, doces, mel, ovos de galinha caipira, entre outros.

Trocando desigualdade por solidariedade - trocar uma bolsa feita de sisal por uma bandeja de palha parece um ato simples, porém, para quem busca ir além daquilo o que já conhece é uma excelente oportunidade de aprendizado. Um exemplo disso é Simone Nunes do Nascimento, da Rede de Produtoras da Bahia, para quem esta experi-

ência teve um significado importante. "Vai ser muito útil esta troca, porque eu trabalho apenas com o sisal e agora com este modelo vou poder variar a minha produção".

Cenas como estas foram vividas durante as trocas solidárias, momento de tornar acessível ao outro o produto que muitas vezes a falta de dinheiro impede de obter. A troca estimula o desenvolvimento econômico local, incentivando as pessoas a produzir, principalmente as que estão num processo de exclusão social, ajudando a aumentar a qualidade de vida dessas pessoas. Mas não parou por aí, além de satisfazer as necessidades materiais, o espaço também proporcionou trocas de experiências, o conhecimento de como o outro realiza seu trabalho, as dificuldades e também as vitórias. Foi a oportunidade de aprender um pouco mais.

Para Patrícia Nascimento Oliveira, coordenadora da Rede, este foi um momento de fortalecimento para todos os grupos que estavam presentes. "Os grupos trocaram tudo, de linhas e bordados a experiências. Ser solidário no modelo de economia capitalista, é algo cada vez mais raro, por isso é importante resgatarmos essa tradição tão antiga e quem sabe levá-la para o nosso dia-a-dia", ressalta Patrícia, feliz com o sucesso da troca.

Expressão em uma moeda,

"OXÉ" - A experiência da troca solidária fez tanto sucesso, que foi inserida na programação do Encontro de Economia Solidária e Agroecologia dos Territórios Bacia do Jacuípe, Sisal e Portal do Sertão, também realizado em Feira de Santana.

Para a realização da troca, a comissão organizadora visita os empreendimentos que estão participando explicando como será a dinâmica. Cada participante levaria um de seus produtos para uma mesa ao centro, onde poderia ser trocado por qualquer outro, com o intermédio de uma moeda social que facilitou o processo. A moeda que teve valor apenas simbólico foi chamada de "OXÉ". A escolha do nome ocorreu a partir da observação de uma das falas mais



Brasil Solidário

- O Brasil possui 15 mil empreendimentos solidários.
- A atividade econômica predominante é a agricultura e a pecuária, realizadas por 64% dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES).
- Atividades têxteis, de confecções, calçados e produção artesanal em geral, correspondem juntas a 21% dos empreendimentos, a prestação de serviços corresponde a 14% e a alimentação a 13%.
- Cerca de 44% dos EES estão localizados nos nove estados da Região Nordeste.
- A economia solidária contribui com o desenvolvimento econômico local, estimulando as pessoas a produzir, principalmente as que estão num processo de exclusão social, e também aumento da qualidade de vida dessas pessoas.
- 1,25 milhão de trabalhadores estão reunidos em cooperativas por todo o país.

Fonte: Secretária de Economia Solidária do Ministério do Trabalho



"OXÉ" - Moeda Social

O MOC acompanha 53 empreendimentos junto à Rede de Produtoras da Bahia e Arco Sertão.

corriqueiras do dia-a-dia do sertanejo. Ao buscar sugestões durante uma reunião da comissão alguém pelo hábito já internalizado grita expressão "OXÉ", que por ser um aspecto comum, presente nos dialetos dos territórios, Sisal, Bacia do Jacuípe e Portal do Sertão, foi aprovado por todos.

O papel de integrar e incluir socialmente os participantes a partir das trocas demonstrou que existem alternativas de circulação de mercadoria que podem contribuir para sustentabilidade sem que as pessoas fiquem reféns do capital. Na avaliação de Gisleide do Carmo Oliveira, técnica do Sub-Programa de Agroindústria e Comércio, do MOC, ainda pode ser considerado um outro aspecto positivo do evento, o resgate cultural. "Foi fácil perceber a emoção das pessoas ao verem seus produtos valorizados pelo outro durante as trocas e o próprio retorno a esta forma de convivência tão antiga e que pode ajudar na melhoria de vida das pessoas", ressalta, enfatizando que a importância das trocas está na valorização social do trabalho humano.